

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração de um milhão de veículos da Ford**

Camaçari-BA, 29 de outubro de 2007

Companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,
Embaixador dos Estados Unidos,
Ministros que me acompanham nesta visita à Ford,
Meu caro presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,
Meu caro senador César Borges,
Deputados federais aqui presentes, Joseph Bandeira, Uldorico Pinto e
Nelson Pelegrino,

Meus amigos e amigas deputados estaduais e deputadas estaduais,
Secretários de estado,
Meu caro Caetano, prefeito de Camaçari,
Companheiros sindicalistas,
Quero cumprimentar o Márcio de Oliveira, presidente da Ford Brasil e
Mercosul,

O Rogério Golfarb, diretor de Assuntos Corporativos da Ford para a
América do Sul,

Quero cumprimentar o diretor global da Ford, de Estratégias da Ford,
senhor Jorge Lins Freire, presidente da FIEB,

Quero cumprimentar o Martiniano, presidente estadual da Central Única
dos Trabalhadores,

O Aurino Pedreira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos,

E quero cumprimentar os fornecedores da Ford, os revendedores da
Ford, aqueles que, em função desta empresa, estão sobrevivendo e ajudando
outras pessoas a sobreviverem,

Meus amigos e amigas trabalhadores e trabalhadoras da Ford,

Como vocês estão percebendo, nós estamos aqui para comemorar um
milhão de carros produzidos na Bahia. Para vocês, que estão aqui dentro, isso
tem um significado infinitamente maior porque cada carro que vocês vêm

andando pelas ruas deste País ou em alguns países do mundo, vocês sabem que foi produzido na Ford, vocês sentem uma ponta de orgulho ainda maior de saber que a baianidade brasileira está movendo carros pelo mundo inteiro.

Agora, é importante que não percamos de vista que o Brasil está vivendo um momento em que todos nós precisaremos refletir qual a nossa responsabilidade para garantir que o Brasil finalmente, no século XXI, dê todos os saltos de qualidade que ele não conseguiu dar no século XX.

O Brasil, durante 50 anos, foi a economia que mais cresceu no mundo. De 1950 a 1980, o Brasil causava inveja a muitos países do mundo, tal o crescimento do nosso Produto Interno Bruto. Entretanto, quando chegou no final dos anos 70, que nós tivemos que pagar um pouco a conta desse crescimento, nós percebemos que o Brasil tinha jogado fora ou tinha perdido grandes oportunidades de se transformar numa nação altamente desenvolvida.

O Brasil não fez a reforma agrária quando o mundo inteiro fez, jogamos fora a oportunidade. O Brasil não acabou com o analfabetismo, quando grande parte do mundo desenvolvido acabou, jogamos fora outra oportunidade. O Brasil cresceu, em média, 7% nos anos 50, mas a inflação crescia, em média, 21% nos anos 50. O Brasil cresceu até 14,3% nos anos 70, mas a inflação chegava a 20% e nós contraímos uma dívida e depois passamos 26 anos para pagar essa dívida. No Brasil habituava-se a dizer que não se podia fazer os investimentos necessários no desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade brasileira, porque custava caro. Alguns até diziam que se gastava muito dinheiro quando se falava em investir em educação.

E hoje nós nos perguntamos toda noite: quanto nós perdemos por não fazer as coisas certas no momento certo? Quanto nós perdemos de tempo neste País por não termos coragem de tomar as atitudes que deveríamos ter tomado para fazer o País se transformar, definitivamente, numa nação muito desenvolvida?

Pois bem, eu estou vendo aqui como trabalhadoras e trabalhadores da Ford, primeiro uma quantidade enorme de mulheres, coisa que a gente não via num tempo não muito distante, me parece que 35% ou 30% dos empregados da Ford são mulheres. E vejam a evolução da sociedade: há 20 anos era impensável uma mulher exercer determinadas funções que eu vi no Senai hoje, mulher aprendendo a soldar, isso era coisa de homem. Era proibido mulher

trabalhar com solda. E hoje o avanço tecnológico foi de tamanha grandeza, e as conquistas e a evolução política de participação das mulheres é de tal magnitude que a mulher hoje se dá ao luxo de trabalhar na solda, e ninguém diz que é um trabalho penoso. Ganhei no Senai uma peça feita por uma moça ferramenteira. Até os anos 70, ferramenteiro também era coisa para homem, não era coisa para mulher. Ora, essa evolução que nós estamos conquistando na sociedade e no mundo do trabalho, numa empresa como esta que tem uma maioria imensa de pessoas com menos de 30 anos de idade, pode me permitir sair daqui acreditando que o Brasil não desperdiçará as oportunidades do século XXI. Primeiro, porque quando eu ganhei a Presidência – e é importante que os companheiros da direção da Ford saibam disso, o Rogério já conhece – nós tomamos uma atitude de que governar um país não é diferente de governar a casa da gente. Só que a família é maior, não é só um, nem dois, nem três, são 190 milhões de filhos que você tem e você precisa sempre levar em conta que o resultado do bolo produzido precisa ser distribuído de forma mais equânime para todo mundo.

E nós também chegamos à conclusão de que era plenamente possível a gente combinar o crescimento econômico deste País com uma forte política de inclusão social. Não é apenas por conta dos programas sociais que o governo tem, é porque há muito tempo neste País os dirigentes sindicais não conseguiam fazer acordos de salários ganhando acima da inflação. E faz quatro anos consecutivos que os acordos salariais, 88% deles, são feitos com ganhos reais acima da inflação. Quero lembrar a vocês que fiz as maiores greves que os sindicalistas já puderam fazer neste País. E quantas vezes, Rogério, voltava a trabalhar sem ganhar absolutamente nada, porque naquele tempo nem os trabalhadores tinham a organização que têm hoje, nem o governo agia democraticamente como age hoje, porque naquele tempo quando a gente fazia uma greve era o ministro do Trabalho que tentava interceder contra os trabalhadores, era o comandante do Exército que intercedia para causar medo aos trabalhadores, era a Polícia Militar que estava colocada muito mais para pressionar os trabalhadores. Hoje, a questão do movimento dos trabalhadores é uma questão entre as empresas e os trabalhadores, não é um problema do governo. O governo não se mete, porque nós achamos que a liberdade sindical e o direito de greve são conquistas universais e que precisam

ser mantidas para o bom funcionamento da democracia.

Mas mais importante do que isso é que nós estamos convencidos também de que ou nós investimos em educação, e investir em educação significa a gente, primeiro, abolir a palavra de que investir em educação é gasto e dizer, claramente, que educação é o mais sagrado investimento que uma nação pode fazer. É por isso que nós criamos o ProUni, onde 420 mil jovens pobres da periferia conseguiram chegar à universidade. Quando nós criamos o ProUni alguns críticos diziam que nós estávamos nivelando a educação por baixo. No teste feito, no ano passado, em 14 áreas, os melhores alunos de engenharia e de medicina foram exatamente os alunos do ProUni que tiveram uma oportunidade e conseguiram mostrar que têm competência para estudar.

Ora, quando o governo federal, o Senai, o Sesi e o governo estadual duplicam o número de vagas no Senai aqui, na Bahia, é porque nós acreditamos que somente a qualificação profissional vai permitir que vocês conquistem a cidadania plena e vai permitir que vocês possam ter emprego, seja aqui em Camaçari ou seja em qualquer outro lugar do Brasil. Porque com uma carteira profissional na mão, com uma profissão, a chance de ter emprego é muito maior. E quando falo de profissão, eu falo para as mulheres: não tem nada pior, no mundo feminino, quando a gente vai discutir a situação das mulheres e a gente percebe que uma mulher é dependente do marido. Se a mulher depender do salário do marido, é obrigada a se subordinar às coisas de que ela não gosta. Mas se ela tiver uma profissão e ganhar um salário para de sustentar, quando o marido fizer um desaforo para ela, ela faz dois desaforos para ele e ele vai ter que respeitá-la. Da mesma forma é um homem sem profissão. Um homem sem profissão, quando sai para procurar emprego, se não tem profissão, ele chega numa fábrica, entrega a sua carteira, o diretor de recursos humanos pega a carteira e pergunta: “Tem profissão?” “Não”. “Então, passa outro dia”. Esse outro dia nunca chega. É o dia de São Nunca. Agora, se ele tiver profissão, certamente o diretor de relações humanas vai fazer uma fichinha dele e vai deixar no computador, quando precisar, saberá onde mora esse cidadão.

É por isso que nós estamos criando no Brasil 10 novas universidades federais, 48 extensões universitárias, e é por isso que estamos fazendo, no Brasil, mais 214 escolas técnicas profissionalizantes. É importante lembrar que

de 1903, ou melhor, de 1909 até 2003 foram construídas 140 escolas técnicas. Nós vamos fazer, de 2003 a 2008, 214 escolas técnicas espalhadas por este País para que a gente possa garantir às pessoas o direito de estudar, porque essa é a conquista maior. Podem ter certeza, meninas e meninos que estão aqui, que a coisa mais sagrada para o pai e para a mãe de vocês não é deixar uma casa de herança ou dar um carro de presente. É dar uma formação profissional para vocês, porque aí eles saberão que a vida inteira vocês nunca mais serão dependentes de ninguém, mas serão dependentes apenas da inteligência de vocês.

A Ford sabe e as empresas brasileiras sabem: nós vivemos um momento privilegiado neste País. O consumo, no Nordeste brasileiro, e o comércio varejista são o exemplo maior: crescem há 23 meses consecutivos. O Produto Interno Bruto cresce há 22 trimestres consecutivos, numa demonstração de que nós encontramos um denominador comum para este País. Hoje, o Brasil se orgulha de estar entre os dez maiores países com reservas nas suas contas: são 165 bilhões de dólares de reserva; o Brasil se orgulha de ser um país que tem superávit na balança comercial, acima de 45 bilhões de dólares; o Brasil se orgulha de ter convidado o FMI e ter dito “nós não precisamos mais de vocês, por favor, tome aqui o que nós lhe devemos e nós queremos tomar conta da nossa economia”.

O Brasil vai produzir, este ano, uma safra agrícola recorde: 136 milhões de toneladas de grão, e o Brasil tem um espaço imenso para ocupar este mundo globalizado. O Brasil, finalmente, está aprendendo que nós somos grandes, mas que uma nação só será maior se o povo estiver melhor preparado, se a gente tiver orgulho, se a gente tiver respeito próprio e se a gente não andar de cabeça baixa neste mundo globalizado, onde duas ou três nações pensam que são donas do Planeta.

O Brasil aprendeu a gostar de si e eu posso dizer para vocês: o mundo que eu vislumbro para o Brasil é um mundo de muito crescimento. Acho que o Brasil vai ter um ciclo extraordinário. O que aconteceu com a Ford aqui, de vir hoje inaugurar a produção de 1 milhão de carros... daqui a pouco tempo ela vai ter que inaugurar 2 milhões, porque a produção será crescente, o mercado será crescente e, na medida em que vai crescendo o poder aquisitivo do povo, mais gente vai poder comprar mais carros; na medida em que as empresas

automobilísticas e os bancos aumentaram o número de prestações, estourou a venda de carros no mercado interno brasileiro, o que era um desafio. O Rogério se lembra, há dois anos discutíamos e o Rogério falava: “Presidente, precisa crescer o mercado interno, se não crescer o mercado interno, como vai ser?” Bastou aumentar de 36 para 72 prestações, estourou o mercado de carros brasileiros, porque todo mundo tem o sonho de ter um carro. Todo homem quer casar com uma mulher bonita e quer ter um carro bonito. Toda mulher quer casar com um homem bonito e ter um carro bonito. Ora, na medida em que facilita a vida da gente e a gente pode colocar a prestação dentro do nosso contracheque, todo mundo vai ter um carro.

Portanto, agora a Ford vai ter que se preparar porque vai exportar mais do que já exportou, não tem volta, a indústria automobilística brasileira não pode se conformar em produzir dois milhões de carros, dois milhões e 900 mil. Nós precisamos nos preparar para produzir cinco milhões de carros, seis milhões de carros e encher a América Latina de carros brasileiros, a África e, quem sabe, a Europa começar a comprar os nossos flex-fuel, porque eles vão perceber que o Brasil é o único país do mundo que conseguiu construir um carro em que a gente pode colocar 100% de gasolina, 100% de álcool, ou pode colocar 50-50. Agora estamos criando o biodiesel, daqui a pouco a gente começa, em janeiro, a colocar 2% de biodiesel no óleo diesel, daqui a pouco vão ser 5%, daqui a pouco vão ser 10%, daqui a pouco vão ser 100%, e o Brasil vai passar a ser o primeiro país do mundo a ter carros e caminhões em que as pessoas se darão ao luxo de chegar num posto de gasolina e escolher “qual é o combustível mais barato e ambientalmente mais correto? Eu vou encher o tanque do meu carro”. E é isso que vai permitir que o Brasil ocupe um lugar de destaque.

Eu estou convencido, meus companheiros diretores da Ford, de que a indústria automobilística brasileira finalmente encontrou o seu caminho de combinar o crescimento do mercado interno com o crescimento do mercado externo, vender lá fora e vender aqui dentro para alegria dos revendedores da Ford, que estão sorrindo como ninguém, e lamentando porque este carro, em vez de ser vendido, foi doado para uma instituição, porque alguns já queriam vender.

No mais, quero dizer para vocês, companheiros da Bahia, que vocês

elegeram um governador de estado, meu companheiro, meu amigo de muito tempo, quando ele era só sindicalista, como eu. Nós temos grandes planos para a Bahia. Podem ficar certos de que nós queremos não apenas para a Bahia, nós queremos dar ao Nordeste brasileiro aquilo que o Nordeste brasileiro sempre teve direito e que lhe foi negado durante décadas e décadas, em que o desenvolvimento era pensado apenas para algumas regiões do País.

Um presidente da República não pode ter preferência por estado, não pode. Mas um presidente da República tem que saber que são exatamente as regiões mais necessitadas do País que precisam de maior aporte de incentivo do governo federal, para que a gente possa tornar o País mais equânime. Por isso precisamos cuidar do Rio Grande do Sul, mas precisamos cuidar do Acre, precisamos cuidar do Paraná, mas precisamos cuidar de Rondônia, precisamos cuidar de São Paulo, mas precisamos cuidar de Roraima. Porque somente com essa visão de um País de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, e de um País com um potencial extraordinário, é que a gente vai construir este País justo.

A Bahia tem potencial de se industrializar. O papel do governo federal é ajudar o governo da Bahia a ter um investimento em infra-estrutura. E vocês sabem que aqui na Bahia nunca faltou ajuda, da minha parte, pelo fato de o governador não ser do PT. Todo mundo aqui sabe que eu tratei com toda a deferência do mundo o governador Paulo Souto, o prefeito, se fosse do PT ou não fosse do PT, porque um presidente da República não olha a cor do partido, o presidente olha a cara do povo. Se o povo está precisando, é ali que a gente tem que fazer investimentos.

Agora, certamente que olhar a cara do povo e, dentro desse povo, olhar um governador que é companheiro da gente há 40 anos, fica muito mais fácil a gente fazer as coisas com muito mais boa vontade com o governador.

Por isso, eu quero desejar a você, Wagner, toda a sorte do mundo. Você está começando, o primeiro ano é sempre um ano que gera muita expectativa e frustração, mas eu te conheço e sei que você vai mudar a cara da Bahia, estou convencido de que você vai mudar a cara da Bahia. Afinal de contas, um carioca que vem para a Bahia e deu certo só pode fazer o bem para a Bahia daqui para a frente. Até porque você deve a cidadania à Bahia, a esse povo extraordinário.

Segundo, quero dizer para a Ford que podem ficar tranquilos que se depender das políticas do governo a Ford vai continuar crescendo, como vai continuar crescendo toda a indústria automobilística brasileira.

Terceiro, quero dizer aos meus queridos prefeitos: por favor, utilizem bem o dinheiro do PAC, porque nós queremos ver obras e mais obras neste País, porque nós estamos cansados de esperar.

Parabéns à diretoria da Ford e, sobretudo, parabéns aos trabalhadores e às trabalhadoras da Ford. Um grande abraço.